

MÍSULAS DE KILPECK: UM HIBRIDISMO ICONOGRÁFICO ENTRE O PAGANISMO E O CRISTIANISMO.

AMANDA BASILIO SANTOS¹; ELISABETE LEAL².

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPel), amanda_hatsh@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas (UFPel), elisabeteleal@ymail.com

1. Introdução.

Neste trabalho se pretende analisar dez mísulas¹ da Igreja de St. Mary e St. David, doravante conhecida como Igreja de Kilpeck, Herefordshire, Inglaterra. Destacou-se elementos estilísticos e temáticos que possuem características que, apesar de estarem presentes em uma igreja, não fazem parte do universo iconográfico consagrado pela doutrina ou pelo imaginário tipicamente cristão. Não apenas isto, estes elementos podem ser interpretados como pertencentes a um universo “pagão”, conforme uma classificação clássica medieval. Estes elementos de origem pagã, por sua vez, convivem não apenas ao lado de imagens que podemos identificar como profanas, mas que representam elementos mais sacros do mundo cristão, como a Rosa de Maria e o Agnus Dei², destacando assim o hibridismo cultural identificável a partir da análise iconográfica.

A Igreja de Kilpeck foi construída no século XII, sendo fruto da invasão normanda na Inglaterra, tendo como marco definitivo a Batalha de Hastings em 1066. Após o começo do reinado normando houve muitas construções tanto de prédios religiosos quanto de prédios temporais, como castelos. A Igreja de Kilpeck foi construída entre 1134 e 1145, tendo como patrono Hugh of Kilpeck. Segundo Book of Llandaff³ ela foi construída em terreno onde já havia previamente uma igreja desde o século VI que pertencia à diocese de Llandaff.

É necessário destacar que estudos que utilizam mísulas como fonte são extremamente escassos, sendo que no Brasil não me confrontei com um trabalho semelhante, sendo necessário que fosse feita a busca em bibliografia estrangeira, e através de extensa pesquisa feita pela internet e de importação de livros, foi possível chegar a dois trabalhos que vem ao encontro do que esta pesquisa propõe: *Social Influences on Sculpted Romanesque Corbels in the Eleventh and Twelfth Centuries* (BURAS, 2012) e *Figurated Corbels on Romanesque Churches* (MAGRILL, 2009). Ambos os trabalhos analisam um seletivo grupo de mísulas de diversas igrejas, desta forma diferenciando-se da abordagem deste trabalho que foca-se na análise de um conjunto de mísulas de uma única igreja. Devido à escassez de pesquisas sobre mísulas estes trabalhos acabam se tornando referenciais. Por ser uma fonte pouco explorada ainda há muito o que se precisa responder sobre ela, e a considero uma fonte de destaque pela visualidade que exerce e pela sua localização espacial dentro do conjunto arquitetônico da igreja.

¹ “Mísula: Peça saliente em forma de S invertido, estreita na parte inferior e mais larga na superior, encostada a uma parede vertical e servindo de apoio a uma cornija, busto, arco, etc.” (PEVSNER, 1977)

² Termo latino cuja tradução é Cordeiro de Deus, uma expressão utilizada para referir-se a Jesus Cristo.

³ Manuscrito medieval que tinha por intenção efetuar o registro da história e das propriedades da diocese de Llandaff, além da vida de alguns santos como Teilo e Oudoceus. Parece ter sido escrito para auxiliar na resolução de disputas entre as dioceses de St David’s e Hereford sob a supervisão do Bispo Urban.

2. Metodologia.

Por não ter sido possível acesso físico às mísulas de Kilpeck a análise foi feita a partir de fotografias das mesmas, disponíveis no site <http://www.crsbi.ac.uk/index.html>, acessado pela última vez em 15 de agosto de 2013.

A base bibliográfica é de livros importados por não haver bibliografia nacional ou até mesmo traduzida que pudessem auxiliar nos aspectos específicos da fonte da pesquisa.

A Igreja de Kilpeck conta com um conjunto de mísulas ainda intactas no total de 80, tendo sido perdidas 13 mísulas, com as restantes foi criado um banco de dados, sendo que neste trabalho serão analisadas apenas 10, através de um sistema de classificação estilística e temática que se encaixam na proposta de uma análise do hibridismo cultural das mísulas. Através do banco de dados foi gerado um gráfico de classificação temática onde foi possível visualizar claramente quais os tipos de assuntos e a frequência com que aparecem no conjunto de mísulas da igreja de Kilpeck.

Para fazer esta análise houve um importante trabalho realizado pelo historiador Malcolm Thurlby intitulado "*The Herefordshire School of Romanesque Sculpture*" (THURLBY, 2002), que traz uma breve descrição das mísulas e um estudo bem extenso sobre arte e arquitetura românica em Herefordshire no período em que a igreja de Kilpeck foi construída. Seu estudo é mais amplo e a Igreja de Kilpeck não é a única igreja analisada, mas com seu livro posso embasar a minha teoria de hibridismo cultural, através do contexto que ele fornece.

Para a devida compreensão de qualquer fonte é sempre necessário ter uma boa compreensão do contexto em que ela se originou, sendo a igreja fruto da ocupação normanda na Inglaterra, que se efetou após a Batalha de Hastings em 1066 d.C, busquei na historiografia o panorama da Inglaterra naquele período conturbado, e foi através do historiador Frank Barlow que pude compreender o contexto medieval inglês anterior e posterior ao estabelecimento do governo normando (BARLOW, 1988).

Para uma melhor apreensão da iconografia e seu significado foi possível encontrar livros disponíveis para compra no Brasil, entre eles os dicionários de símbolos que foram de extrema importância, destacando-se Dicionário de Símbolos: Imagens e Sinais da Arte Cristã (HEINZ-MOHR, 1994); Dicionário de Simbologia (LURKER, 2003); Enciclopédia de los Símbolos (BECKER, 2008). Além dos dicionários livros que estudam a simbologia também foram fundamentais, entre estes Os Símbolos Místicos (MALLON, 2009).

Para a compreensão simbólica, além dos dicionários, foi feito um cruzamento de fontes quando possível, realizando uma aproximação entre as mísulas com representações de animais e os bestiários medievais⁴, fontes primárias contemporâneas a construção da igreja, sendo o mais importante deles o bestiário de Stowe de 1067, sendo um dos mais antigos bestiários ingleses que restaram e sob a guarda da British Library, disponível no site <http://www.llgc.org.uk/?id=1667>, acessado pela última vez em 7 de setembro de 2013.

⁴ "Em sentido mais estrito, o termo bestiário (do latim *bestia*, "animal") faz referência a um gênero literário medieval, que se vale da descrição física e de comportamentos de animais, reais ou fantásticos, para a construção de fábulas de caráter moralizante." (Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais)

Quanto à definição de 'hibridismo cultural' sigo a mesma linha de reflexão trabalhada por Peter Burke em seu livro *Hibridismo Cultural* (BURKE, 2003).

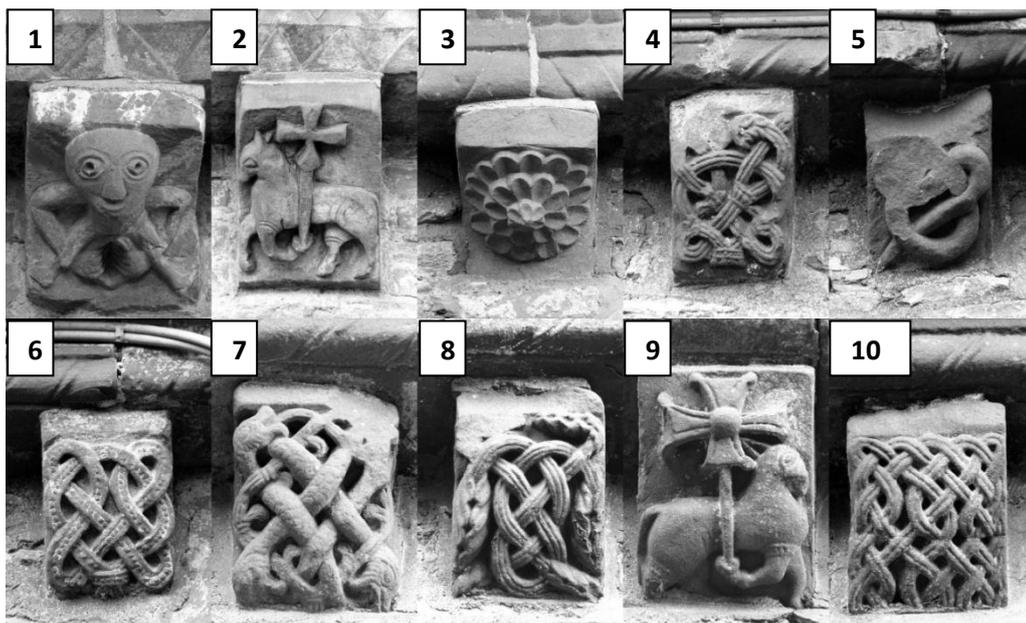
3. Resultados e Discussão.

Este trabalho ainda está em desenvolvimento e se trata de um recorte de um trabalho maior que abrange a totalidade das mísulas da Igreja de Kilpeck e resultará em um trabalho de TCC. Através da seleção feita, até o dado momento a pesquisa aponta para um hibridismo cultural em um período já bastante avançado do medievo, ou seja, o século XII, o que contradiz que a cultura celta ou pagã local já tivesse sido completamente suplantada pela civilização e religião cristã.

Nas mísulas é possível não apenas ver uma permanência, mas um destaque destes elementos, pela sua localização e visualidade e pelo fato de dividirem espaço com elementos cristãos em aparente harmonia. Os elementos utilizados não foram qualquer um, mas símbolos profundos e de destaque da cultura celta como a Sheela-na-Gig (1) e os elementos estilísticos feitos através de ramificações e entrelaçamentos contínuos (4, 5, 6, 7, 8,10).

Como podemos ver pelas imagens abaixo, mesmo sendo uma parcela do que a Igreja de Kilpeck apresenta em sua decoração, os elementos são claramente híbridos.

MÍSULAS ANALISADAS.



Elementos de destaque referente à disposição física das mísulas foi o fato da Sheela-na-gig⁵ (1) estar localizada na abside⁶ da igreja, ou seja, o local mais sagrado dentro da própria construção religiosa. Na abside ainda há um Agnus Dei (2,9), símbolo dos mais sacros de toda a iconografia medieval cristã. O outro Agnus Dei encontra-se exatamente acima da porta principal na Nave Sul da igreja, simbolizando a entrada para a Casa de Deus, por isso saliento a importância de saber a localização em que a mísula está disposta na arquitetura eclesiástica.

⁵ Representação de uma figura feminina que exhibe exageradamente sua vagina, muito ligada aos cultos de fertilidade celtas.

⁶ Abside: Segundo o Dicionário Enciclopédico de Arquitetura "Uma extremidade poligonal ou semi-circular, com abóbada, usualmente de uma capela ou capela-mor". (PEVSNER et al., 1977)

Quanto aos diversos entrelaçamentos que seguem o estilo clássico do nó celta (4, 5, 6, 7, 8, 10) é possível vê-los tanto pelo lado sul e norte da igreja como se estes fizessem o cortejo que leva até o coro e a abside. No coro, ao lado sul da igreja, o elemento de maior destaque é uma Margarida Inglesa (3), uma flor substituída da rosa, símbolo sagrado para representar a Virgem Maria.

4. Conclusões

No decorrer da pesquisa, que ainda se trata de uma pesquisa inicial, e da análise da fonte foi possível verificar a existência de um hibridismo cultural em pleno Alto Medievo e ainda mais interessante foi visualizar que a disposição das imagens em igrejas medievais não são tão simples como posto pela historiografia tradicional, sendo o interior o local do sagrado e portanto o ambiente das representações de imagens e alegorias ligadas ao sagrado e o exterior o local do profano, sendo então representado apenas imagens mundanas e negativas. Em Kilpeck é possível ver que imagens que poderiam ser consideradas como profanas contradizem esta conclusão, e que símbolos ligados ao mais sagrado do mundo cristão convivem juntamente com elementos legados pelo imaginário e pela cultura considerada pagã.

5. Referências Bibliográficas.

Crédito das Imagens: Conway Library, disponível em <http://www.crsbi.ac.uk/index.html>, acessado em 10 de junho de 2013.

ALLEN, J. R. **Celtic Art in Pagan and Christian Times**. Londres: Methuen & CO, 1904.

BURAS, C. **Social Influences on Sculpted Romanesque Corbels in the Eleventh and Twelfth Centuries**. 2012. 56f. Tese (Mestrado em Artes) – The School of Art, Louisiana State University.

BARLOW, F. **The Feudal Kingdom of England 1042 – 1216**. Londres: Longman Group, 1988.

BECKER, U. **Enciclopedia de los Símbolos**. Barcelona: Swing, 2008.

BURKE, P. **Hibridismo Cultural**. Rio Grande do Sul: UNISSINOS, 2003.

ECO, U. **Arte e Beleza na Estética Medieval**. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

FREITAG, B. **Sheela-na-Gigs: Unraveling an Enigma**. Londres: Routledge, 2004.

GELDART, E. **A Manual of Church Decoration and Symbolism: The Explanation and the History of the Symbols and Emblems of Religion**. Londres: A.R. Mowbray & CO, 1899.

LURKER, M. **Dicionário de Simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MAGRILL, B. Figured Corbels on Romanesque Churches: The Interface of Diverse Social Patterns Represented on Marginal Spaces. **RACAR XXXIV**, V.34, Nº2, pág. 43 – 54, 2009.

MALLON, B. **Os Símbolos Místicos: Um Guia Completo para símbolos e sinais mágicos e sagrados**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

PEVSNER, Nikolaus; FLEMING, John; HONOUR, Hugh. **Dicionário Enciclopédico de Arquitetura**. Rio de Janeiro: Editora ArteNova.

SEARS, E; THOMAS, T. K. (Org). **Reading Medieval Images: The Art Historian and the Object**. Michigan: Michigan University Press, 2002.

TAYLOR, R. **How to Read a Church**. New Jersey: Hidden Spring, 2005.

THURLBY, M. **The Herefordshire School of Romanesque Sculpture**. Londres: Logaston Press, 2002.